

RESENHA MUSICAL

Diretor: Prof. CLOVIS DE OLIVEIRA

Caixa Postal, 18 — ARARAQUARA

ANO I

ARARAQUARA MAIO e JUNHO, 1939

NUM. 9 e 10



Luis Heitor Corrêa de Azevedo
Ilustre Musicólogo Brasileiro

"Nacionalizae, instrui e educae pelo idioma e pela musica do Brasil" — A. F. M.

LUIZ HEITOR CORRÊA DE AZEVEDO

Por Decreto do Governo Federal, em 8 de Maio ultimo, foi nomeado professor catedrático de Folklore da Escola Nacional de Música da Universidade do Rio de Janeiro, após brilhantíssimo concurso, o nosso grande amigo e ilustre musicólogo brasileiro Luiz Heitor Corrêa de Azevedo.

Luiz Heitor, é natural do Rio de Janeiro, onde nasceu em Dezembro de 1905. Terminou seus estudos musicais em 1923, no Instituto (hoje, Escola) Nacional de Musica, tendo frequentado as classes de Maria Clara Camara de Menezes Lopes e Joanidia Sodré (teoria), Alfredo Bevilacqua e Charles Lachmund (piano) e Paulo Silva (harmonia, contraponto e fuga). Como critico musical enriqueceu as paginas do «Imparcial» (1928-29) e da «A Ordem» (1929-30), com as suas crônicas ponderadas, francas e de belo estilo jornalístico. Foi um dos fundadores da magnífica revista «Ilustração Musical», que foi editada na Capital Federal, e igualmente, da Associação Brasileira de Música (hoje, Associação dos Artistas Brasileiros). Sua atuação na vida artistica da terra carioca, tem se revelado admiravel, se desdobrando entre o professorado, jornalismo, conferencista, compositor, pesquisador, critico e autor de muitas obras, verdadeiras preciosidades da literatura musical de nosso paiz. As idéas moças e fervorosas, exuberantes de patriotismo e de amor á arte, de Luiz Heitor, muito tem influido, benéficamente, no espírito de compositores novos da nova geração de representantes da arte musical de nosso paiz.

Ultimamente exercia as funções de Diretor da Biblioteca da Escola Nacional de Música e de seu organ de imprensa a «Revista Brasileira de Musica».

Sobre o bellissimo concurso prestado por esse inancável propugnador de nossa arte, escreveu o critico musical do «Correio da Manhã», em data de 26 de Março, o seguinte comentario. «Terminaram hontem, ás 10 horas da manhã, as ultimas provas, criçadas de

enorme dificuldades, do primeiro concurso para preenchimento da cadeira de Folklore, da Escola Nacional de Musica.

Era candidato o professor Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, que já demonstrára anteriormente dotes e autoridades para o exercicio da cadeira.

Compunham a mesa examinadora: a professora Joanidia Sodré, na qualidade de presidente; e os professores Mario de Andrade, Brasílio Itiberê, Renato de Almeida e Assuero Garritano.

Sorteado o ultimo ponto, coube ao candidato dissertar sobre «Escalas musicais empregadas no Folklore».

Se a materia não tivesse caído para um «especialista», que já escrevêra — quasi com erudição — sobre o assunto, as dificuldades seriam insuperaveis...

Luiz Heitor sentiu-se á vontade, nesse emaranhado historico, pre-historico, e anti-diluviano. Parecia ter vivido com as varias tribus de indios, com os jesuitas, os catequistas da era colonial, os varios folkloristas de todos os tempos...

Sua dissertação não foi conversa de candidato. Constituiu, pela segurança, pelo brilho, pela facilidade da elocução, pelo modo absolutamente *á vontade* (como quem diria a pratica secular da cathedra, herdada de varias gerações) uma verdadeira aula inaugural, Sorbonnifica e ademica, e o que é mais — aproveitavel.

A mesa não teve remedio senão concordar com o professor e conferir-lhe a melhor nota, a mais dignificante.

Concordamos.

Conta, pois, a Escola Nacional de Musica, desde hontem, com mais um professor catedrático, que honrará a-quele estabelecimento official de ensino. — J.»

A «Resenha Musical» apresenta ao ilustre prof. Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, seu grande amigo e brilhante colaborador, efusivos cumprimentos que torna extensivos a Escola Nacional de Música e á Arte Nacional, pelo triunfo alcançado.

VINTE DIAS EM S. PAULO

PROF. CLOVIS DE OLIVEIRA

No afan de ouvir, vêr e ponderar o que se tem feito em arte para o nosso progresso artistico, acompanhei pessoalmente durante os vinte dias de férias, os acontecimentos musicaes da Capital bandeirante.

Tivemos oportunidade de ouvir alguns dos sete concertos do notavel pianista russo Alexandre Brailowsky, que alcançou um sucesso sem precedentes nos anaes artisticos de S. Paulo. Esse êxito veio provar cabalmente que existe realmente em nossa Capital, publico suficiente para assistir a mais de um ou dois concertos numa mesma noite, considerando o alto custo das localidades.

Os Concertos Brailowsky mereceram o numeroso publico que o teatro acolheu, porque, como artista romantico, de uma sensibilidade doentia, como interprete de Chopin, desse Chopin sofredor, melancólico e nostalgico, como pianista possuidor de uma técnica prodigiosa cuja cristalinidade e som são admiraveis, Brailowsky sempre nos empolga.

Desfavoravel a organização que imprimiu aos referidos concertos a Empresa Viggiani. Inicialmente temos a lamentar a excaszez de programas illustrados, parcimoniosamente distribuidos á entrada; a presença de um photographo que só não permaneceu mais tempo a perturbar a assistencia devido aos protestos da mesma; o piano que não correspondeu á suscetibilidade artistica dos dedos magicos de Brailowsky; a ausencia da cortina de metal, em alguns concertos.

Forçado ou não pelo decreto federal que exige a inclusão de músicas de autores nacionaes nos programas, Brailowsky tocou a «Alegria na horta» de Villa Lobos. Gostei da execução e da interpretação, embóra a outros não tivesse agradado. Gostei porque sou de opinião que um artista como Brailowsky, de nacionalidade russa, de temperamen-

to e ambiente, afrancezados, quasi desconhecedor de nossa musica, de nossos ritmos, de nosso gosto, de nosso meio, não poderia por força dessas circunstancias, apresenta-la melhor, em absoluto. Esse eminente artista tocou, de fátó, a peça brasileira que figurou no programa; não fez como outros que fazem-na figurar no programa... mas não a executam.

Dirão muitos que «Alegria na horta» nada tem de brasileiro a não ser o nome do autor. Não me cumpre discutir o assunto, mas, quando ouvimos uma obra de um nosso patricio, de um nosso irmão brasileiro, seja ele Villa Lobos ou Oswald, Gallet ou Nepomuceno, Barroso Netto ou Mignone, Otero ou Miguez, João Nunes ou Guarnieri, sentimos orgulho de nossa gente, e, por conseguinte, devemos aplaudir com toda eloquencia de nosso espirito nacionalista; precisamos mostrar que sabemos estimar o que é nosso. Foi porisso que aplaudí calorosamente Brailowsky, isto é Villa Lobos. Em vista disso e por tudo isso, lamentei a indiferença com que o publico recebeu a execução da referida peça, a qual, talvez, lograsse nova execução em outra cidade ou Capital, pelas mãos desse mesmo Brailowsky, caso na terra brasileira obtivesse o sucesso a que fazia jús.

Devemos, nós, o publico brasileiro, aplaudir, repito, com toda a veemencia do nosso espirito nacionalista, as obras de real valor dos compositores nacionaes, dos compositores, na verdade, brasileiros.

Tivemos ocasião de ouvir os insignes artistas patricios Antonietta Rudge e Alonso Annibal da Fonseca, por intermedio do Departamento de Cultura e da Sociedade Filarmonica, respectivamente. Pianistas possuidores de recursos técnicos invejaveis, aliados a temperamentos de sensibilidade musical no mais elevado gráu, interpretes concienzosos, nada transparecendo neles de

(Cont. na pag. 4)

Vinte Dias em S. Paulo

(Continuação da pag. 3)

vulgar. São dois artistas que honram o ambiente musical de nossa terra, com o culto glorioso de sua arte, nada ficando a dever a muitos dos «virtuosos» que precedidos de tantíssimos toques de clarim, nos visitam de quando em quando.

Na mesma noite em que ouvimos Antonietta Rudge, apresentou-se, também, o Quartetto Haydn, que revelou pela homogeneidade ter atingido a unidade maxima num conjunto de cordas, a coesão.

Assistimos o concerto sinfonico de músicas russas, sob a regência do maestro Ernest Melich, promovido pelo Departamento de Cultura. Somos contrários á infeliz iniciativa do Departamento de Cultura, realizando esses concertos de músicas russas, alemãs, etc., no momento em que toda a nação se volta para o problema culminante de sua vitalidade: o nacionalismo. Aqui, são escolas que se fecham por serem superintendidas por estrangeiros, acolá, são collegios que periclitam diante das exigencias justas das leis nacionalistas do governo, e, agora, a iniciativa pouco louvavel do Departamento de Cultura. Mais do que nunca, devemos incentivar a criação de obras nacionaes, e, o maior estímulo para os nossos compositores é proporcionar-lhes ocasiões para apresentarem os seus trabalhos. A nossa produção musical, felizmente, tem se desenvolvido extraordinariamente, logo, obras de vulto não faltariam e não faltarão, para a organização dos programas, todos os compositores nacionaes estão prontos para colaborar nesse sentido.

Compreendendo a finalidade educativa dessa iniciativa, sugerimos ao Departamento de Cultura que, ao contrario do que fez, organizando um programa inteiro á musica de determinado paiz, dedicasse, apenas, uma ou duas partes, não esquecendo de destinar uma outra á musica nacional.

Falando neste assunto, cumpre-nos evidenciar o grandioso trabalho realiza-

do em prol de nossa arte por Mario de Andrade, o apostolo animador de nossa organização artistica nacional. Mario de Andrade, pela música brasileira, sempre se bateu quer como critico pelas colunas dos jornaes como por meio de suas obras de musicologia, assunto este, no qual tornou-se uma grande autoridade, que apreciamos orgulhosos, com respeitavel repercussão no exterior, sem nunca ter se ausentado de nosso paiz. E a vida de Mario de Andrade, que o Rio de Janeiro tem a fortuna de hospedar, presentemente, toda ela tem sido dedicada em beneficio da arte brasileira, brasileiríssima.

Ainda sobre o concerto sinfonico do Departamento, divergimos, também, da incumbencia dada ao maestro Melich, embora excelente regente — justiça lhes seja feita — não se justifica, porque muitos são os nossos artistas que poderiam com rara competência e segurança desincumbir-se dessa tarefa. Citando, somente, alguns. aí vão os nomes de Souza Lima e Fructuoso Vianna, ambos do Departamento, Arthur Pereira, Odmar Amaral Gurgel, Gabriel Migliori, Francisco Casabona, Italo e Miguel Iz-zo, Rivadávia da Luz, João Gomes Junior, Francisco Gorga, Raul Laranjeira, Chagas Junior, Dinorah de Carvalho, Leonidas Autuori, e outros. Todos são musicos capazes, só o que lhes falta é a oportunidade.

Desejamos que o Departamento de Cultura de S. Paulo continue a seguir as pégadas de seu destino, o de imprimir sempre á sua ação, um caracter de essencialidade nacional como a razão que o criou.

O fim unico de todas as iniciativas Pro-Arte Nacional, não deve ter outro escopo senão o de bem servi-la patrioticamente, elevando-a, engrandecendo a nossa Patria - O Brasil - orgulho de seus filhos.

DR. MARIO OPICE

Cirurgião-dentista

— DIATERMIA —

Consultorio - Palacete Raia
SALA 1 — ARARAQUARA

CRÔNICA MUSICAL PAULISTANA

Por FRA ANGELICO

O segundo trimestre de trinta e nove

Acentua-se ardorosa a labareda do entusiasmo para o lado da boa música e apurada cultura. Começa a florescer a semente lançada pelo trio Gallet-Mario-Sã Pereira!... E o decreto n.º 421 de 11 de maio de 1938, sujeitando os Cursos Superiores ao Departamento Nacional de Educação realiza, em sua plenitude, o que ha muito se vinha preparando.

As escolas correm em sua completa atividade letiva. O Departamento de Cultura empreende mais um curso livre, o «Curso de Análise Musical», sob a proficiente palavra de Furio Franceschini. Com surpreendente felicidade o Registro de inscrições da fértil criação de Mario de Andrade, enche-se rapidamente com mais de tres centenas de assinaturas. E a 11 de abril, perante ávida assistencia, ainda que de heterogenio preparo, inicia o conceituado mestre as preleções sobre uma materia que, francamente, necessita mesmo duma honesta expansão, pois sendo obrigatoria nos programas de ensino artistico, é, no entanto, ministrada, por parte de alguns professores, sob uma orientação pouco firme. Seria interessante que no final desse curso, fossem os seus assistentes submetidos a um exame ou concurso, dando-se-lhes então um Diploma ou Certificado após a elaboração de uma monografia apresentada, como já fez Mario de Andrade, com ótimo resultado, nas aulas inesquecíveis que deu no Conservatorio.

O «Coral Paulistano», sob a firme regencia de Frauctuoso Vianna, no concerto publico do dia 11, interpretou com o garbo de costume as seguintes produções: «O soldado novo» de D'Indy, a «Berceuse da boneca» de S. Benedictus, os «Quatro Epigramas» de L. Fernandez, «Canção do Jatobá» de A. Cantú e o «Olêlêlê» de Dinorah de Carvalho e nesse mesmo concerto o «Trio S. Paulo» e o «Quartetto Haydn» executaram o Trio op. 63 de Weber e o Quartetto em ré de Tschaiowsky. O povo regorgitante de entusiasmo aplaudiu os interpretes.

Os frequentadores do Municipal tiveram a oportunidade de apreciar o tenor Nicoláu Szedo e o casal de pianistas, Lene e Hans Bruch, cantando e tocando um programa interessante. Os artistas corresponderam aos aplausos com varios extras.

A «Filarmonica», realizou um concerto sinfonico sob a regencia de E. Melich, figurando no programa a Suite «Scherezade» de Rimsky-Korsakow, o Concerto de Haydn para celo e orquestra, sendo solista o prof. Armando Bellardi, as variações sobre o tema brasileiro de A. Levy e a Marcha Militar de F. Schubert. Admiravel noite que evidenciou os méritos de habil

interprete em Bellardi e de valente regente que é o sr. Melich.

Althéa Alimonda, ciosa dos seus deveres para com o Estado, antes de partir, reúne no Salão Vermelho do Esplanada a gente da «Pro Arte» e, uma vez ainda, toma o seu arco magico para executar um programa, pequeno mas apresentado artisticamente, com produções de Bach, Mozart, Glucki Pugnani, Kreisler, Debussy, Novacek, Sarasate e do patricio Mignone, e seu lindo e popular Minuetto. E assim, aplaudida pela sua arte e pelo belo concurso de que participou, concedeu a violinista Alimonda varios extras. Despediu-se do publico paulistano para ir aperfeiçoar-se no estrangeiro mais um elemento de valor da Escola Torquato Amore e uma artista brasileira que prova a honesta e criteriosa atuação do Conselho de Orientação Artistica do Estado.

A Cultura Artistica dá inicio ao desfile das celebridades internacionais contratadas para a sua temporada de 1939, apresentando Wenifred Christie em seu curioso piano «Moor». Esse instrumento foi criado pelo compositor hungaro Emmanuel Moor. Dispõe esse piano de dois teclados, sendo o inferior identico ao do piano usual, correspondendo o superior em afinação a oitava acima do primeiro teclado, com a possibilidade porém de serem os dois teclados acionados em conjunto ou separadamente. Para realização de contrastes sonóros ha tambem nesse instrumento mais um pedal. Wenifred é consagrada pelos grandes centros artisticos contemporaneos. A illustre artista iniciou o seu concerto com a Chacona de Bach, numa transcrição especial do compositor Moor, seguindo-se a Sonata op. 31 n.º 2 de Beethoven, o Carnaval op. 9 de Schumann, numa interpretação muito pessoal, a Balada em fá menor de Chopin, um intermezzo de E. Moor, terminando com a Campanella de Liszt, cuja execução em seu piano resultou facilitada, conquistando ao finalizar o seu recital a simpatia da assistencia pela delicadeza de seu toque e expressividade finissima em que refletiu um temperamento de elite.

Com a participação do «Coral Paulistano», realizou a Filarmonica em importante festival de arte fazendo ouvir pela primeira vez em S. Paulo, a «Missa de Requiem» de Mozart, em que atuaram como solistas, sob a direção de Melich e cooperação do Centro Musical, Lia Fuldauer (sop) Iracema Bastos Ribeiro (contralto) J. Cibella (tenor) e M. Graccho (baixo). Valia a pena duplicar a execução desse sarau em concerto publico.

Termina o mês de abril com um festival da Cultura Artistica sob a competente di-

Continua na pag. 6

reção e regência do Maestro Souza Lima. Houve uma parte lírica com a «Serva Padrona» de Pergolesi, interpretada por Conchita Badia e o barítono P. Ansaldi, respectivamente nos papéis de Serpina e Uberto. Esses artistas fizeram jús aos entusiásticos aplausos do seletto auditorio, tanto pela sua arte de cantar como pela atuação scenica. As duas partes sinfônicas, que constaram da execução do «Carneval Romano» de Berlioz e do «Capriccio Espanhol» de Rimsky Korsakow, correram a contento sob a batuta de Souza Lima que evidenciou os seus méritos de maestro concertador.

A ilustre patriciã Guiomar Novaes Pinto, de regresso dos Estados Unidos, onde realizou vitoriosa excursão artística, apresentou-se a 11 de maio em S. Paulo num valioso recital. A nossa gloriosa artista continúa manter a sua linha de emérita pianista. Começando o seu concerto com um «Preludio para órgão» de Bach-Silotti, manteve-se dentro duma interpretação expressivamente nobre, expargindo pela seléta assistencia uma onda de doce bonança. Depois da Sonata em ré, em que Guiomar deu á linha melódica «scarlatiana» todo o enlevo da sua arte, terminou ela numa felicidade inaudita a primeira parte do seu delicioso programma com a celebre obra do maestro de Eisenach a «Fantazia cromatica e fuga», conseguindo empolgar o auditorio com os seus maravilhosos recursos, evidenciados desde a fantazia, que foi tratada pela artista patriciã duma maneira lidalgamente elegante, até o retumbar final em apogeu na fuga. Na parte central do programa foi ouvido, pela assistencia já vencida pela recitalista, a Sonata em fá menor de Brahms. E iniciando a ultima parte com os deliciosos Preludios de Chopin, termina Guiomar o seu festival na doceura dum Debussy em «Soiree dans Granade» e «Poisson d'or» em que ela evidenciou ainda uma vez a sua formidável arte pianística.

Véra Janacopulos e Maria do Carmo Botelho, realizaram para os socios da Cultura Artística um recital de canto e piano. Num programma de produções francezas ouviram os associados dessa benemérita organização, na arte inimitável de Véra, «Ma belle si ton áme» de G. Durant (1608); «Amour que veux-tu de moi» de Lulli (1654); «Je crains de lui parler» de Grétry; (1784); «Roussignols amoureux» de Rameau (1733) e um grupo de velhas canções harmonisadas por musicistas francezes, reafirmando Janacopulos, ao termo da interpretação de Fauré, Debussy, e Ravel, as suas qualidades de artista de espirital enlevo em sua tão comunicativa arte de cantar. Maria do Carmo, numa vigorosa demonstração de sua personalidade extravasante e invejável virtuosidade executou «Bourée Fantastique» de Chabrier; Nocturne n.º 4 de Fauré; «Danse Macabre» de Saint-Saens e produções de Milhaud, Ra-

vel e Debussy. Essa pianista deveria exhibir mais amiudadamente a sua arte para prazer dos que lhe ouvem e gloria da arte de nossa terra.

Entre os artistas de reputação mundial contratados pela Cultura Artística figura Claudio Arrau, eminente pianista sul-americano que já se fez ouvir na Capital paulistana. Pertencendo á falange dos maiores pianistas contemporaneos tem feito esse distinto chileno uma rapida e bonita carreira de artista. Muito jovem pois nasceu em 1903, depois de iniciar os estudos em sua terra natal aperfeição-se como pensionista do Governo, em Berlim, onde conquistou varios premios, um deles em pugna internacional. Foi este o pianista que a 26 e 31 de maio deu para os socios da Cultura numa execução em que não desmentiu a nomeada de que vem precedido. No primeiro desses saráus, patenteou sua arte pianística numa magistral execução das seguintes peças: «Concerto Italiano» de Bach, «Sonata op. 31 n.º 3» de Beethoven, «Quadros de uma exposição» de Mussorgsky, o inegalavel «Jeux d'eau» de Ravel e de Debussy, «Voiles, Danse e Feux d'artifices». O segundo concerto foi iniciado com uma Sonata de Mozart, succedendo-lhe «Variações de Brahms sobre um tema de Haendel», peças de Liszt, de Chopin, tocando também Granados, Albeniz e Debussy. Também deu uma das Cirandas de Villa Lobos «Feresinha do Menino Jesus». Sob aplausos o artista chileno brindou a assistencia com um grupo de peças em extra.

Claudio Arrau deu também para os socios da «Pro-Arte» um concerto. Nele figuraram obras de Mozart, Beethoven, Schumann, Debussy e Liszt, pondo em relevo o quanto de excelente se tem notado em sua arte pianística.

O Salão Germania, abriu as portas aos apreciadores da musica hungara que ouviram o Concerto Sinfonico realizado sob a regência do Maestro Csammer, com a eficiente colaboração do violinista G. Affonssi. O programa interpretado reuniu produções de Hunyadi Laszlo, Hary Jenos, Liszt, Hubay Jenos, Janos Vitéz e Strauss, finalizando esse concerto com a Marcha Rácóczy.

Apresentando o festejado contralto Marion Matheus, da Lirica Nacional de Buenos Aires, a Filarmonica realizou um festival artistico. Essa cantora, que já se fez ouvir na Capital do paiz, conseguiu prender a assistencia, pelo feitiço muito communicativo dado ás peças de Haendel, Gluck, Pergolesi, Iberé da Cunha, Debussy, Bianchini, Strauss, Braga, Fernandez, Mignone e Barroso Netto. Encarregou-se de acompanhála ao piano o Mtro. Melich.

Madeleine Grey, cantora de incontestavel renome mundial, interpretou para a Cultura Artística dois recitales. No primeiro desses saráus foi executado um interessante programma no qual figuravam Haendel, J. Hue, Pierné, Delannoy, Rous-

sel, Milhaud, Moussorgsky (na famosa serie «Chambre d'enfant»), D'Harcourt, Tiersot, Granados, Kreisler, Sadere, finalizando com «Engenho Novo» de Ernani Braga. O segundo recital de Madeleine Grey iniciou-se então: Histoires naturelles (J. Renard : a) - Le Paon; c) - Le grillon; c) - La pintade; d) - Lenfan et les sortilèges (air d'enfant; Heure espagnole (air de Conception e Don Quichotte e Dulcinéa : a) Chanson épique; b) Chanson a boire, sucedendo-se obras de Monroe, Durleigh, J. Nin, (6 Noel) — Villa Lobos, Guarneri, P. Delinet, J. Larmanjat, Milhaud e Poulenc. Ao piano o o excelente pianista Fritz Jank.

Despediu-se de S. Paulo, para residir no Rio, a distinta professora Branca Caldeira de Barros, com um sarau de suas alunas no Salão Vermelho do Esplanada. Programa bem organizado com obras de autores classicos, romanticos e modernos. Contribuiu, bastante para esse festival de arte a conceituada pianista professora Nair Medeiros. E' lastimavel que os artistas brasileiros desertem a Paulicéa para a Capital da Republica onde está parecendo encontrem melhor clima!...

Proseguindo o Departamento de Cultura no seu objetivo de educação artistica popular, realizou três concertos populares. O primeiro esteve a cargo do «Coral Paulistano» e do «Quartetto Haydn». O famoso «Coral» sob a direção do Mtro. Fructuoso Vianna, interpretou F. de la Tombe e «Benedita tu», o Madrigal «Faduidade das coisas humanas» e «Berceuse da boneca» de Fructuoso Vianna e o «Canto do Matuto» de Souza Lima. O «Quartetto Haydn» encarregou-se do op. 7 n.º 3 de Haydn e do op. 44 n.º 2 de Mendelssohn. Tanto o Coral como o Quartetto, pela homogeneidade do conjunto que, satisfaz o auditorio que foi farto em aplausos. O segundo desses concertos, dedicado á música pianistica e ao genero de camara, valeu por mais uma consagração, dentre tantas em sua vida artistica, a uma das nossas maiores virtuosas do teclado, Antonietta Rudge. A segunda parte do programa constou da execução do Quartetto em fá op. 18 de Beethoven. O conjunto de artistas do Departamento reafirmou suas creducias, de segurança de estilo e subtileza de timbres. Na primeira e terceira partes apareceu perante o povo paulistano, naquella sua impecavel maneira essa joia do nosso patrimonio artistico que é Antonietta Rudge. Debaxo de maximo respeito foi interpretando com aquelle formidavel tacto aveludado através dum temperamento cheio de «fogo sacro», Rameau em sua «Gavotta», Boismortier «Revelances nuptiales», «Papillons» de Schumann; Chopin, Nocturno, Improviso; Henrique Oswald e uma Ballada de Liszt. O povo que regorgitava pelas localidades do nosso Municipal, vencido pela arte sobria mas quente de «Niêta» não cessou de ovaciona-la

emquanto não obteve da illustre patricia uma farta mèsse de extras, ouvidos sob uma facinante admiração pela arte de Antonietta Rudge. O terceiro concerto popular foi dedicado á música russa. Dele se encarregou o sr. Melich, que regeu a orquestra do Centro Musical. Iniciando com uma abertura de Glinka, seguiram-se as peças de Borodine, Liadow e Rimsky-Korsakow em «Sherezade» fechando esse concerto russo com a quinta sinfonia de Tschai-kowsky. O maestro Melich teve a oportunidade para ratificar mais uma vez as suas qualidades de diretor de orquestra.

O pianista patricio, Alonso Annibal da Fonseca, tocou para os socios da Filarmônica num bellissimo recital de piano. Começando com a «Tocata, Adagio e Fuga» de Bach-Busoni que foi executado com as exigencias do estilo Bachiano, sucedeu-lho uma parte Chopiniana em que o honeste artista brasileiro interpretou a Polonaise op. 71, dois estudos, um preludio e uma balada. Após o «Brinquedo de Roda» de Villa Lobos, foi ouvido Preludio, Reverie, Ondine e L'Isle Joyeuse de Debussy executado de maneira adequada. O auditorio compreendendo o valor do virtuose chamou-o repetidas vezes ao procenio. Alonso Annibal deu uma parte de extras.

Num programa de Sonatas para Violoncelo e piano foram executadas brilhantemente pelos artistas brasileiros, Iberê Gomes Grosso e Ilára Gomes Grosso ao piano, para a «Pro-Arte» produções de Jean Huré, Brahms e do patricio Radamés Giannatalli, no Salão Vermelho do Esplanada. Manifestação de arte fina, de maneira fina por artistas de escól.

A visita feita por Alexandre Brailowsky á Capital paulista, demorando-se entre nós por uma quinzena, foi um dos maiores successos deste trimestre. Após longa serie de concertos dados no Rio, apresentou-se esse inolvidavel artista no auditorio do Municipal a 12 de Junho. Aduzindo a esse sarau mais meia duzia de valiosos recitales que empolgavam progressivamente de um para outro, aguçando essa morna circumspecção do paulista chegou Brailowsky ao setimo concerto de despedida da terra bandeirante no dia 28. Em seu primeiro recital, esperado pelos cultores da arte de bem tocar piano com edificante ansiedade, teve o eminente hospede uma recepção invulgar nos annos do nosso pavorrento viver, pois que o publico que se apinhava por entre as localidades do velho Teatro, ao divisar da simpatica figura de Brailowsky vive por certo no coração da população artistica de S. Paulo. Em seus recitales ele interpretou para nós produções de Bach, Scarlatti, Beethoven, Schumann, Chopin, Mendelssohn, Liszt, Debussy, Ravel, Fauré, Falla, Scriabine, Prokofieff, Balakirew e Villa Lobos, em peças de sua predileção divididas em programas que demonstram o criterio do mestre. Os admiraveis preludios de Chopin foram execu-

Advertência

Sob êtse titulo, escreve-nos em opor-
tunas considerações, o ilustrado prof.
Téo Franco:

«Um dos grandes fatores, que impe-
de maior desenvolvimento da música
transcendente em nosso país, e que re-
lega para o esquecimento, verdadeiros
valores artísticos, é, sem dúvida, a difi-
culdade com que os compositores na-
cionais lutam para evidenciar suas com-
posições.

Pelo motivo exposto, muitos gênios
têm sucumbido na voragem da medio-
cridade, ou melhor, no nada.

Dolorosa, é a relevante e notável im-
pressão que transparece, de que, em mú-
sica, o Brasil ainda se conserva no regi-
me colonial importando, não somente
a farinha e a pimenta do reino, mas
também a música da Alemanha, a mú-
sica da Itália, a música da França, a
música de Norte América e a música da
Argentina! Será que pela confissão des-
ta verdade, do monte do preconceito,
do estrangeirismo e do monopólio, u-
ma pedra role sôbre minha cabeça?
Não. Parece que não, porque os tem-
pos estão mudados, pois já se fala em
trigo e em petróleo nacionais, digo me-
lhor brasileiros.

Para mim, tanto a música como o
músico, têm o mesmo valor, venham
de onde vierem, pois, a arte e o gênio
são patrimônios da humanidade.

Minha, e creio que questão de todos
os brasileiros é que nós também te-
mos o direito de ter Arte e gênios.

Hitler pensa que tais direitos, são só-
mentê dos arianos alemães, no que dis-
cordamos, e parece que temos razão,
porque, mesmo o pouquinho que te-
mos, é muito apreciado fóra do Brasil.

Qual a razão de nos quererem fazer
inferiores, se temos a mesma arte, que
êles têm, se as aptidões são as mes-
mas, e se da argila de que foram forma-
dos, fomos nós também?

Diante de tal lógica percebe-se o
busilis da questão, e êste é o boicote em
que se encontram os compositores na-
cionais, sem poderem tornar conheci-
das suas composições, porque as ca-

sas publicadoras, e bem, aquelas que
vendem músicas estão organizadas em
sociedades para só evidenciar as que
tenham autorização de qualquer uma
delas, e assim dificultam quasi tudo que
é nosso, preferindo importar as músicas
do estrangeiro, uma especie de casimi-
ra inglesa, de vinho italiano.

Que estímulo pode ter um cidadão
brasileiro de se preocupar com a gran-
de música se todo o seu esforço fica
olvidado e ainda boicotado.

E será, que tôdas as coisas que nos
vêm de fora, merecem consideração
artística? Temos visto muitas banali-
dades. Mas, para nós os índios, estas
compositores possuírem nomes difíceis
banalidades têm a virtude de seus
de, serem pronunciados, e isto é o que
basta, é o reclame...

Os nossos nomes familiares, não são
talhados para as grandes para vencer
e subir. Não, não! São mercadorias na-
cionais: farinha de mandioca e pimen-
ta do Brasil..

Creio que compete aos Sindicatos
dos Músicos olharem para isto, crian-
do até se preciso, pontos de publicida-
de.

Temos a impressão feliz de que em
nossa pátria, tudo se valoriza, inclusivé
o brasileiro... inclusivé o músico...

Professor Lopes de Leão

Visiotu no mês de Junho a nossa ci-
dade, o ilustre pintor patricio Lopes de
Leão, Diretor da Escola de Belas Artes
de S. Paulo e Membro do Conselho de
Orientação Artística do Estado.

Com satisfação transcrevemos aqui o
termo de visitas que o renomado artis-
ta deixou no competente livro, ao visi-
tar o Conservatório Dramático e Mu-
sical de Araraquara:

«Com satisfação deixo aqui aplau-
sos a este estabelecimento que digna-
mente concorre para a elevação dos
fóros de cultura á Terra Paulista.

Araraquara, 12 de Junho de 1939.

(a.) *Lopes de Leão*

A Temporada Lirica e a Opera Nacional

A diretriz tomada pela Prefeitura Municipal de São Paulo, em orientar de acôrdo com um empresario, a temporada lírica dêste ano na Paulicéia, foi das mais auspiciosas porque, dessa forma, não será mais a nossa Capital tratada como se fosse consequencia final de temporadas daqui ou dali.

Assim, com êsse «desideratum», organizou-se um corpo estável do nosso principal teatro, constituiu-se uma orquestra com os melhores elementos, e embora não se tenha a palavra oficial sabe-se, no entanto, que dirigirá a engrenagem lírica, sob o ponto de vista artístico, o maestro sr. Arturo de Angelis, bastante conhecido entre nós.

Os jornais, há pouco tempo, publicaram uma relação do repertório da companhia autónoma, organizada sob a influencia da nossa Prefeitura, no qual aponta a ópera «Turandot», do grande maestro Giacomo Puccini, como peça de estréia e uma série de outras óperas de grandes autores, não figurando sequer uma ópera de compositor nacional.

A Prefeitura que, com carinho, vem dispondo e orientando esta próxima temporada lírica, exigindo, na organização do repertório, além de uma obra de Carlos Gomes, mais um trabalho nacional, faria incontestavelmente uma obra de grande mérito, pois, além de estimular os nossos compositores, premiando-os com uma exibição dos seus trabalhos, ainda faria com que se conhecessem e amassem os nossos artistas, que nos governos passados não tiveram apóio, nem sequer oportunidade. Não figura nêsse repertório nenhuma ópera de autor nacional como: Francisco Braga, Leopoldo Miguez, Alberto Nepomuceno e tantos outros nomes de patricios ilustres, sem ainda nos referirmos aos de João Gomes de Araujo, que alcançou recentemente, na Capital do país, enorme consagração com a sua

ópera «Anna Petrovna», e do seu filho, o maestro João Gomes Junior, que possui nada mais do que seis óperas de notavel valor e que não têm logrado dos dirigentes artisticos de São Paulo o interesse justíssimo para os seus trabalhos.

«Anita Garibaldi», ópera de montagem facil e de imenso interesse artistico poderia perfeitamente ser montada nesta temporada, como prova real do esforço, da visão cultural e do propósito de engrandecer a pátria por intermédio dos seus artistas ilustres. As facilidades que a Prefeitura oferece ao Empresário podem bem fazê-lo compreender a necessidade de tal iniciativa, e das «demarches» junto dos artistas cantores nêsse sentido.

A Prefeitura, com êsse gesto, fixava a atenção do Brasil sôbre São Paulo, cujo povo sabe venerar e respeitar os seus artistas, tão pouco conhecidos, e que felizmente, com o Estado Novo, vão emergindo do esquecimento em que jaziam.

O prestígio da França, da Itália, da Alemanha, da Rússia e da Grécia, foi feito pelo poder dos seus artistas. Com a orientação que o nosso governo vem dando á arte tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo, far-se-á do Brasil uma das invejáveis nações americanas, pela expansão convincente da nossa arte musical.

(Transcrito do «Jornal da Manhã» de 12 de Junho de 1939)

Prof. Ondina F. B. de Oliveira

Catedrática do Curso de Piano e Historia da Música do Conservatorio Dramatico e Musical de Araraquara, diplomada pelo Conservatorio D. e M. de S. Paulo. Curso Especializado de Magisterio.

Conservatorio D. e Musical de Araraquara

AVISO

Cada leitor fichado em nossa Redação, receberá mensalmente, um numero de «Resenha Musical» *gratuitamente*. Outro exemplar que seja solicitado além desse, será cobrada a taxa de 500 réis cada um.

ELIAS ALVARES LOBO

(1834-1901)

A tradicional cidade de Itú rendeu, em 18 de Junho, uma digna homenagem á memoria de um dos seus filhos mais ilustres—o saudoso maestro Elias Alvares Lobo, autor da opera «A Louca» e de inumeras outras composições musicais de carater religioso.

A Corporação Musical União dos Artistas, ha muitos anos existente em Itú onde garbosamente vem mantendo, com desprendimento e amor á arte, uma das mais brilhantes bandas de música do interior paulista, resolveu construir a sua séde social, tomando para patrono da mesma o inolvidavel musicista ituano.

O edificio foi construido com os proprios recursos da sociedade e com a co-operação dos seus associados e está localizado numa das mais movimentadas ruas da pitoresca cidade.

No domingo, 18 de Junho de 1939, foi feita a inauguração official com a presença de altas autoridades locais, do diretor do Museu de Itú, academico dr. Affonso d'Escagnolle Taunay, Juiz de Direito da comarca, membros da Familia Alvares Lobo e outras pessoas gradas daquela localidade e da capital do Estado.

A's 10 horas foi celebrada missa solene na igreja matriz, com acompanhamento de grande orquestra e tres côros.

Nó final da cerimonia religiosa foi procedida á bençã da bandeira da Corporação Musical União dos Artistas, em cuja séde realizou-se depois o descerramento da placa de bronze com o nome de Elias Alvares Lobo.

A fita simbólica que impedia a entrada no edificio, tambem inaugurado nessa ocasião, foi cortada pela viuva do saudoso compositor ituano sra. dona Vera Lobo.

O descerramento da bandeira que cobria a placa com o nome do homenageado foi realizado pela sra. dona Guilhermina de Freitas Alvares Lobo viuva do saudoso paulista dr. Antonio Alvares Lobo.

A sessão solene da Corporação Musi-

cal dos Artistas foi presidida pelo dr. Affonso E. Taunay, cujo discurso foi muito aplaudido.

Em nome da associação homenageante falou o rev. Padre José Maria Monteiro, Vigario de Itú.

O dr. Pelagio Alvares Lobo, agradeceu, em nome da Familia Lobo, a homenagem que estava sendo prestada á memoria de Elias Alvares Lobo. Na mesma ocasião foi inaugurado no salão de honra do edificio o retrato do Maestro Elias A. Lobo, oferta do dr. Pelagio Lobo.

A' noite, a Corporação Musical União dos Artistas realizou no Largo da Matriz, um bellissimo concerto, executando, entre outras composições, a Cavatina da opera «A Louca», original de Elias Lobo.

Prestou, assim, Itú, brilhantemente, merecida homenagem á memoria do seu grande e saudoso filho, compositor de muita inspiração que formava com Carlos Gomes, a dupla de artistas de maior futuro de seu tempo. Elias Lobo fez-se pelo proprio esforço e enriqueceu o nosso patrimonio musical com composições magistraes de varios generos.

Orfeões Escolares

Ha atualmente no Estado de São Paulo, 530 orfeões infantís, dos quaes 70 foram fundados depois de Julho de 1938. Esses orfeões estão assim distribuidos: Capital 63, Araraquara 32, Baurú 23, Botucatu 17, Campinas 34, Casa Branca 21, Guaratinguetá 21, Itapetininga 17, Jaboticabal 33, Pirassununga 9, Piracicaba 33, Presidente Prudente 14, Ribeirão Preto 34, Rio Claro 23, Rio Preto 21, Santa Cruz do Rio Pardo 17, Santos 29, S. Carlos 22, Sorocaba 31, Taubaté 13.

N. — Araraquara possui mais o Coral Infantil do Conservatorio.

O Conselho de Orientação Artística do Estado de S. Paulo e suas atividades

O Conselho de Orientação Artística do Estado de São Paulo, reorganizado em 1938 pelo Dec. 9597, de 6 de Outubro desse ano, e, em boa hora criado, vem trabalhando patrioticamente em defeza e proteção á arte brasileira.

O desenvolvimento cada vez mais crescente da ação do Conselho de Orientação e os seus trabalhos podem ser — vamos tentar — avaliados, ligeiramente por um resumo de sua profícua atividade:

Produto de sua ação útil e patriótica, o decreto de n. 9798, de 7 de Dezembro de 1938, que dispõe sobre o reconhecimento oficial e fiscalização dos estabelecimentos particulares de ensino artistico no Estado.

E' a primeira legislação estadual que se faz para o ensino das profissões liberaes artisticas, que eram confundidas com o ensino das escolas profissionais, deslocadas, em sua fiscalização, ineficiente, o que tornava impraticavel tal fiscalização limitada a um simples registro.

Os frutos desse decreto e do seu grande alcance em colaborar com o Governo Federal, teremos em futuro proximo, com a sua efetiva aplicação, que permitirá um caminho mais seguro para as outras exigências, visando a uniformização do ensino artistico, e cursos mais adaptados ás realidades e interesses dos ambientes, dentro de um padrão unico, com a formação também de artistas especializados para o ensino nas escolas.

Assim se atuará, com verdadeiros valores, para um saneamento real e honesto do nosso descurado ambiente artistico.

O ato do sr. Interventor Federal, de 6 de Julho de 1938, isentando de obrigatoriedade de opção sobre acumulações de cargos de professores e funcionarios estaduais e municipais que exerçam funções de magisterio nos ins-

titutos de ensino artistico particular subvencionados, foi uma providencia esclarecida.

«O Salão Paulista de Belas Artes» é organizado todos os anos pelo Conselho, que, assim, expõe ao publico nessa mostra oficial de arte, de valor já consagrado, uma manifestação artistica criteriosamente selecionada, do que melhor existe de artes plásticas no nosso meio cultural. Esse «Salão» compreende as secções de pintura, escultura, arquitetura, gravura e arte decorativa.

A Pinacoteca do Estado, entregue á guarda e conservação da Escola de Belas Artes de S. Paulo, vae ser brevemente reformada e melhor instalada pelo Conselho que para tal, já traçou um bellissimo projeto.

O concurso ao «Premio Aperfeiçoamento Artístico» para viagem ao estrangeiro, correspondente ás secções de musica, pintura e escultura, vem se realizando normalmente. Estão atualmente na Europa, como pensionistas do Estado, os seguintes artistas, que obtiveram o referido premio, de acordo com o Dec. 7687 de 26 de Maio de 1936: Alfredo Olini, escultor, que estuda em Florença, Mozart Camargo Guarnieri, compositor, e a violinista araraquarense Althéa Alimonda, que estudam em Paris. Achava-se, também, na Italia, o pintor Antonio Padua Dutra, que a morte colheu no apogeu de seus estudos. Proximamente seguirão para a Europa, dois outros artistas.

Por este rápido apanhado das atividades do Conselho de Orientação Artística, podemos afirmar que ele vem contribuindo eficientemente para a formação de um ambiente cultural-artístico a altura do nosso gráu de civilização e progresso.

Prof. CLOVIS DE OLIVEIRA

ex-prof. do Conservatorio D. e Musical de São Paulo, catedrático do Curso de Piano do Conservatorio Dramatico e Musical de Araraquara, diplomado pelo Conservatorio Dramatico e Musical de São Paulo e pelo Instituto Pedagogico «Castano de Campos», de São Paulo.

Conservatorio Dramatico e Musical de Araraquara

Recebemos e agradecemos

Das profras. Yole Rodrigues e Célia Azevedo, um convite para a audição de seus alunos de música do Colegio Kemper, Lavras, Minas Geraes, 9 de Julho;

— Do Escritório Técnico «Arquimedes», S. Paulo, dois opusculos «Processo Bacchi».

— Dos profs. Hilda Eisenlohr Campofiorito e Quirino Campofiorito, uma circular comunicando terem aberto um curso de Desenho e Pintura, que funcionará no Edifício «Nilomex», sala 227, Rio de Janeiro.

— Do jovem compositor paulista Mario Rosa, uma coleção de suas inspiradas peças para piano: Caixinha de Musica; Um dia de festa; Melodia Árabe; Angelus e Canção Nostalgica.

— Do compositor prof. Guilherme Leanza, a linda obra para piano, intitulada «Jongo».

— Intercambio, Ano 4.º, ns. 1 a 3, 1939, dedicado a Machado de Assis, Rio, 1939, (Permuta).

— Disques, n.º 49, Paris, Março, 1939, (Permuta).

— Noticiario Ricordi, ns 3, 4, 5 e 6, ano 11, S. Paulo, 1939, (Permuta).

— Bellas Artes, n.º 45-46, Rio, 1939, (Permuta).

— Eschig-Information, n.º 47, Paris, 1939, (Permuta).

— Revista da Estrada de Ferro Araraquara, n.º 4, Maio, Araraquara, 1939, (Permuta).

— O Som de Cristal, Anor.º, ns. 9 e 10, 1939, S. Paulo, (Permuta).

Agradecimentos

Recebemos da pianista srta. Clarisse Leite e da srta. Véra Gomes, de Ribeirão Preto, filha da saudosa dona Joaquina Gomes, que esta revista homenageou em seu ultimo numero.

CENTENARIO

de Machado de Assis

Foi festivamente comemorado em Ribeirão Preto, o centenario de Machado de Assis. Dentre as varias reuniões promovidas destaca-se a que se realizou no Salão Nobre do Ginásio Progresso e na qual tomaram parte a magnifica Orquestra Sinfonica de Ribeirão Preto, sob a regencia do Mtro. Carlos Volani Nardelli e o jovem pianista araraquarense Geraldo O. Lino, que pela segunda vez se apresentou naquela culta cidade onde colheu os aplausos merecidos do publico ribeirãopretense.

Como somos acolhidos

(Continuação dos numeros anteriores)

Nota: — Substituímos hoje o antigo titulo dessa secção «Como fomos acolhidos», pelo atual.

Da pianista Clarisse Leite, 25-5-39: «Essa revista é simplesmente estupenda! instrúe, propalando ao mesmo tempo o interesse pela arte e mantendo o publico ao corrente do movimento artistico atual».

Do prof. Lamberto Riebeiro, prof. Catedrático da Escola Nacional de Música do Rio de Janeiro, 31-5-39: «Pela leitura da mesma estou convencido do relevante serviço que o ilustre patricio vem prestando em prol do desenvolvimento cultural e artistico no setor da mais sublime de todas as artes com profundo devotamento e respeito profissional».

Quem procura exaltar a divina arte de Sta. Cecilia, num ambito de dignidade e proficiencia, merece os aplausos mais sinceros de todos.

Parabens, pois, a culta Sociedade Araraquarense.»

Do Dr. João Castelar Padin, dd. Presidente da Associação dos Jornalistas

(Cont. na pagina 14)

GRANDIOSO FESTIVAL do Conservatório

Realizou-se em 10 de Junho, no Teatro Municipal, um grandioso festival artístico promovido pelo Conservatório Dramático e Musical de Araraquara, com a colaboração do Radio-Teatro da PRD .4, Radio Cultura Araraquara.

A execução dos inúmeros trechos musicais a cargo dos alunos do Conservatório agradou plenamente, provocando da enorme assistência que enchia literalmente o nosso principal teatro, entusiásticos aplausos. A peça teatral de autoria de Francisco Amaral Gurgel, que a escreveu especialmente e o trabalho de seus interpretes que estiveram á cima de qualquer expectativa, agradaram o numeroso publico.

Transcrevemos aqui o ótimo programa organizado:

Uma festa improvisada, em 2 atos; personagens: Dr. Carlos... Moacyr Martins; Bateria... Oscar de Barros; Pequetita... Iracema Margarida; Hortência... Marilena de Souza; Dr. Teodolindo... Ariosto de Revoredo; Mario...Tiago de Alencastro; Miss... Ivete Valeri; ponto... Estelita de Oliveira; Scenários da Casa Teatral S. Paulo, etc. — Parte Musical: pela Orquestra J. Tescari; Sinfonia em lá maior; Samba e Martin Afonso, pelo Coral Infantil, A. Cantú; A pequena do moinho e Celeste Jaguaribe, Canção da velhinha; pelo Quartetto de Cordas, E. Braga, Tanguinho Brasileiro e Moskowski. Romance sans paroles; pelo Orfeon, J. Capocchi, A Patria e J. Tescari, Martin Afonso; piano: Liszt, XII Rapsódia, srta. Maria do Carmo Abritta; F. Russo, Os Bêbês dansam, Maria Helena de Oliveira; Schubert, Pequena canção,

«O estudo é o melhor meio de aprimorar a intelligencia. Quem a ele se consagra estende e aprofunda os seus conhecimentos, aprendendo ao mesmo tempo a utiliza-los para o aperfeiçoamento e para a felicidade.»

Firmino Costa

Wanda Dall'Acqua; Niemann, Dansa, Ilka Haddad; Schubert, Landler Terezinha de Jesus Madalena; S. Fiorenzo, 4 mãos, Serenata, Vera Machado e Laíde Gobatto; Mayer-Sauer, Estudo, Luiza Aparecida Góes; G. Leanza, Valzinha brasileira, Alzira Haddad; Schubert, Serenata, Rosiris Irique; M. Rosa, Canção nostalgica, Dulce Graziato; Paganini-Liszt, La Campanella, Alcione Abritta; Weber, Moto Perpetuo, Jaíra Mestriner; canto, Puccini, La Bohème, Odete Guimarães; violino: Neury, Vieille chanson, Beatriz Martinho; Nardini, Larghetto, Edna Nogueira.

Dr. Adhemar de Barros em Araraquara

Esteve em visita a esta cidade, no dia 28 de Junho ultimo, o Dr. Adhemar de Barros, dd. Interventor Federal em S. Paulo, o qual fez-se acompanhar de numerosa comitiva.

O sr. Interventor honrou com a sua visita o Conservatório D. e Musical de Araraquara e a Escola de Belas Artes de Araraquara.

Homenageando o ilustre visitante a Direção da conceituada casa de ensino artistico, que é o nosso Conservatório, organizou um fino programa musical, que foi executado durante o almoço que o sr. Prefeito Municipal ofereceu a S. Excia. Convem acrescentar a magnifica impressão causada em todos os presentes, chegando o sr. Dr. Adhemar de Barros a pedir inumeros extras que foram executados sempre aplaudidos pelo publico e os executantes cumprimentados pessoalmente por S. Excia.

Dr. Amaro Egydio de Oliveira Filho

Clínica Odontologica

Raios X — Diatermia

Rua Libero Badaró, 561, 3.º andar, sala 59 - Fone, 55881
São Paulo

«A música, a arquitetura, a escultura, a poesia, a pintura, a tudo isto póde chamar-se a florescencia da vida civilizada.» — Spencer.

tados em sua integra. Foram lições de boníssima e excepcional maneira de dizer a boa música. Foram horas de verdadeira felicidade para os assistentes a eles transmitidas graças aos formidáveis recursos desse gigante do teclado que assimila em toda sua entidade as peças que comunica a assistência, desde a polifonia dum Bach até a explorada cristalização de timbres dum Debussy ou dum Prokofieff em sua «Suggestion diabolique». Exultemos pois de alegria em observar que apesar do marasmo da vida quotidiana ainda ha momentos de prazer que nos trazem a alegria de viver.

Ainda um acontecimento artistico de significativo valor se verificou a 29 de Junho. Em seu 426.º sarau, a Sociedade de Cultura Artistica, que não mede esforços para trazer a S. Paulo os melhores elementos da arte contemporanea, proporcionou a seus socios um concerto do «Quartetto Lener». Esse conjunto que reúne os

virtuóses: Jene Lener, Josef Smilovion, Sandor Roih e Imre Hartmann, respectivamente, 1.º e 2.º violinos, viola e violoncello, interpretou fidalgamente para a Cultura três quartetos. O celebre Quartetto «La jeune fille et la mort» de Schubert, o op. 59 n.º 3 de Beethoven e o op. 3 n.º 6 de Haydn. Entregue a um grupo desse quilate como é o «Quartetto Lener», poude o auditorio apreciar a homogeneidade integral atingida na execução desse quartetto, onde a disciplina inteligente da musicalidade de cada um dos seus pares os transformou num só corpo. Levado ao entusiasmo no final dessa elevada manifestação de arte a assistência não deixava o recinto do teatro tendo esse admiravel conjunto de artistas lhe concedido uma peça extra-programa.

E aí tem, nessa longa crônica tudo o que me pareceu de interessante no segundo trimestre, para que seja contado às gerações de amanhã.

Como somos acolhidos

(Continuação da pagina 12)

tas Católicos, 29-5-939: «Extremamente grato acuso o recebimento da «Resenha Musical» que é de fato uma resenha da cultura e arte dessa primorosa cidade.

Queira o nobre amigo e distinto professor receber as nossas homenagens e os protestos de amizade e admiração, pelo que realiza com nobreza, visando a elevação cultural e artistica de nossa Terra.»

Do prof. João Pereira de Castro, dd. Diretor do Instituto «Carlos Gomes», Belém, Pará, 12-4-1939: «Nascido no extremo norte, mas filho da mesma querida Mãe-Patria, em cujo rico e fecundo regaço geraram-se e vivem, orgulhosos de seu augusto berço e felizes de sua grandiosa nacionalidade, todos os brasileiros, levo um fraternal abraço ao patricio illustre, que tomou aos hombros a tarefa ardua, porém gloriosa, de crear e manter, como viva expressão cultural das letras e dos sons, nesse formoso pedaço do Brasil, que é Araraquara, a vitoriosa revista «Resenha Musical», que — «nacionaliza, instrúe e educa, pelo idioma e pela música do Brasil».

Recebemos cartas e cartões dos seguintes srs. Helio R. da Silva, de Ri-

beirão Preto; dona Guiomar Fleury Monteiro, Pio Corrêa de Almeida Moraes, prof. Frederico De Chiara, Rubens Borba Alves de Moraes, Tomaso Del Fratte, Olavo Assumpção, todos de S. Paulo; Edmundo Nascimento, Matão; Francisco Curt Lange, Montevideo, Uruguay.

(Continúa no proximo numero)

Associação dos Artistas Brasileiros

Comunica-nos a Associação dos Artistas Brasileiros, com séde no Rio de Janeiro, que organizou uma serie de tres grandes concertos, para encetar uma nova e brilhante fase na sua vida artistica.

O primeiro deles está marcado para o dia 7 de Agosto proximo, a cargo do brilhante pianista patricio Egidio de Castro e Silva.

Os socios da Associação dos Artistas terão assim opotunidade de ouvir entre outros que se apresentarão futuramente, por essa benemerita sociedade, o fino artista Castro e Silva, num programa altamente artistico em que figuram Bach, Beethoven, Schumann, Debussy e os autores nacionaes Brasílio Itiberê (Estudo, em 1.º audição) e Villa Lobos (4 cirandas: A Condeessa, Teresinha de Jesus, O pinto de Canai e Vamos atrás da Serra Calunga).

Depositem suas economias na Caixa Econômica Autônoma de Araraquara

Juros de 5 o/o capitalizados

Depositos e retiradas todos os dias

Horario : — diariamente de 12 às 16
aos sabados de 9 às 11

Avenida Portugal, 22 - Araraquara

CURIOSIDADES

Maio :— 8, 1909, faleceu Isaac Albeniz; 11, 1911, Jean Kubelik, violinista, deu um concerto no «Palais du Trocadero», acompanhado pela Orquestra Colonne; 13, 1845, nasceu em Pamiers (Ariège), Gabriel Fauré; 17, 1907, faleceu o flautista Ernest Koehler; 18, 1832, faleceu em Correggio, o compositor sacro Bonifacio Asioli; 25, 1903, foi nomeado o prof. Henrique Oswald, para diretor do Instituto Nacional de Musica; 29, 1850, nasceu em Campo-dron, Isaac Albeniz; 31, 1817, é levada á cena no teatro Scala, Milão, a opera «Gazza Ladra» de Rossini.

Junho :— 1, 1909, faleceu em Napoles, José Martucci; 2, 1714, nasceu em Erasbach, o reformador da opera Christoph Willibald Gluck; 8, 1859, chegou ao Rio de Janeiro, contratado por D. Pedro II, afim de fazer musica em sua Côrte, no Palacio da Quinta da Boa Vista, um grupo de notáveis artistas europeus, Mateus André Reichert,

Cavallini, Cavalli, André e Luiz Gravestein; 10, 1918, faleceu Arigo Boito; 11, 1864, nasceu Ricardo Strauss; 15, 1821, foi representada pela primeira vez em Berlim, a opera «Freychutz» de Weber, no teatro Koenigstadt; 19, 1854, nasceu Alfredo Catalani.

O uso de chapéus nos teatros

Rio, Junho — O 2.º delegado auxiliar baixou o seguinte aviso: «Recomendo ás autoridades escaladas para superintender o policiamento dos diversos teatros desta capital que não permitam o inicio do espetáculo, antes de verificarem o exáto cumprimento do disposto no paragrafo 4 inciso 5.º do art. 33 do dec. 16.590, de 10 de setembro de 1924, que diz: «E' proibido ás senhoras o uso de chapéus nas platéas».

N. — Somos de opinião que identica medida deve ser tomada pelas autoridades paulistanas, tornando-a extensiva ás platéas de teatros e cinemas, sem excepção.

DOENÇA E MORTE

DE CHOPIN

Extrahido de uma Conferencia do Dr. Aloisio de Castro, realizada em S. Paulo, em 1927, para a Sociedade de Cultura Artistica.

Por 1838 se abateu consideravelmente a saude de Chopin. Tudo fazia suppôr que se entysicára. Sacudido pelos impetos da tosse impiedosa, desmedrava, e a febre, lampejando nos olhos, lhe rescaldava as mãos. Adoecera por esse tempo o filho de George Sand. Foi quando se resolveu a viagem a Palma de Mailorca, cujo clima operaria o milagre desejado. Partiram todos. Mas a luz das ilhas Baleares, de cujo extranho esplendor maravilhados nos fallam os pintores, não se mostrou aos viajantes. Nem ardentias do sol, nem céu de opala ou turqueza, nem laranjaes em flor. Palma vivia immersa na humidade e na bruma, batida pelo vento e pela chuva. Seis meses durou a permanencia na ilha sem que Chopin se recobrasse na saude. Tossia, tossia. Por vezes andou perigoso. Elle escreveu: «Durmo coberto de cataplasma». Certa occasião foi necessario convocar uma junta medica e tres doutores conferiram entre si. De uma carta de Chopin se infere o que pontificou a Faculdade: «Um foi de parecer que eu morreria, outro que eu me estava morrendo e o terceiro que eu já estava morto». Mas, accrescentou: «apezar disto vou vivendo como vivia». Passaram-se então para a Cartuxa de Valdemosa,

em desfrequentado sitio, e alli, na cella do monasterio abandonado, onde através da janella se viam ao longe as palmeiras e os cyprestaes, compoz Chopin os seus divinos preludios, a segunda *Ballada* e muitas outras admiraveis harmonias.

Regressando a Paris, tinha confirmados os symptomas da tysica laryngea. Em 1844 o mal se accrescentou e o estado de Chopin, que se mantivera entre alternativas de melhoria e peoria, deu novos cuidados. Languencia a olhos vistos quando em 1848 se partiu para a Inglaterra, a instancias de Jane Stilling, sua devotada discipula, que com admiravel coração o mimou e protegeu até o fim. Alquebrado, deu concertos em Londres e na brumosa Escossia. A doença aggravou-se com os frios e ao tornar a Paris, em 1849, foi o começo do fim. O milagre que lhe consentia viver havia dez annos tinha que acabar. Estava pebre, sem vintem, veio a necessidades. Eram os 17 de Outubro de 1849 quando enfim chegou a hora improrogavel e decisiva e Chopin se transmontou á estancia immortal. Barrias passou para a tela a scena desses ultimos momentos e todos conhecem o seu quadro celebre.

(Conc. no proximo numero)

-- P E R M U T A --

Leia
o
proximo
numero da
"RESENHA
MUSICAL"

Desejamos estabelecer permuta com as revistas similares.
Ni deziras starigi intershanghon kun similaj revuoj.
Deseamos estabelecer el cambio con las revistas similares.
Desideriamo scambiare la nostra rivista con le sue congeneri.
Nous désirons établir l'échange avec les revues similaires.
We wish to establish exchange with similar reviews.
Wir wuenschen den Austausch mit aehnlichen Berufszeitschriften einzurichten.

Resenha
Musical
Caixa Postal
n. 18
Araraquara